

Uruaçu, 12 de dezembro de 2024.

A Comunidade Negra do IFG, reunida em Uruaçu para o 6 encontro de Culturas Negras e o décimo Seminário de Educação para Relações Étnico-raciais vem reafirmar coletivamente o compromisso inegociável que estudantes, docentes e técnico administrativos que constroem este evento, tem com a superação das desigualdades raciais que impactam nossa existência.

Nos reunimos para celebrar, mas principalmente para evidenciar que nossos corpos existem e resistem nesta Instituição, que não diferente do país em que vivemos, reproduz cotidianamente as estruturas de poder que escravizaram nossas e nossos ancestrais negro-africanos e fizeram genocídio de nossas e nossos ancestrais indígenas.

Em 2024 celebramos o Mestre Nego Bispo, que há um ano se encantava “O começo, o meio e o começo: resistência e ancestralidade”

Celebramos a pensadora Lélia Gonzalez, que, desde a década de 1980, questionava por que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo e se nega de forma tão dissimulada.

Reivindicamos que o IFG não sucumba às armadilhas do mito da democracia racial, essa ilusão de que haveria harmonia entre brancos, negros e indígenas, enquanto perpetua desigualdades e silencia violências.

Precisamos reconhecer que o racismo não está apenas lá fora, mas também permeia nossas estruturas institucionais. No IFG, em seus diferentes campus, pessoas negras enfrentam cotidianamente batalhas para serem respeitadas, valorizadas e reconhecidas. Não podemos ignorar essa realidade.

Celebramos Ailton Krenak, que sem rodeios ou palavras esquivas afirmou que “nós ainda estamos em guerra”. Uma guerra silenciosa, mas devastadora, contra vidas negras e indígenas, alimentada por um pensamento colonial que segue violento e infiltrado em nossas instituições. Como Krenak nos ensina, resistir exige um enfrentamento diário, em nossos modos de viver, comer, andar, dançar, falar e pensar. Temos feito isso no IFG?

Com Nego Bispo, Lélia Gonzalez e Ailton Krenak como nossas referências, exigimos um compromisso inegociável do IFG: reconhecer o racismo presente na instituição e estabelecer um pacto firme de enfrentamento. Precisamos de ações concretas, articuladas com as CPPIRs e NEABIS, não apenas palavras.

O Encontro de Culturas Negras também deseja provocar a discussão de alguns pontos do debate racial que afetam o IFG em um futuro próximo:

1º ponto: Em março de 2023, o Decreto nº 11.443 estabeleceu a ocupação de, no mínimo, 30% de cargos em comissão e funções de confiança por pessoas negras na Administração Pública Federal. Como o IFG tem se organizado para cumprir essa meta até 2025?

2º ponto: Em 2024, foi anunciada a criação de novos institutos federais, incluindo o campus Cavalcante, que abrigará comunidades quilombolas no território Kalunga. Como o IFG está planejando essa expansão para atender, de forma efetiva, às necessidades dessa população tradicional? Reafirmamos, aqui neste evento, a importância de respeitarmos o: nada por nós sem nós.

3º ponto: Como está a ação das CPPIRs e NEABIs em cada campus? Esses espaços são pilares institucionais de resistência e promoção da justiça social e precisam ser fortalecidos por todos e todas nós, especialmente pela gestão.

Para encerrar, desejamos que este Encontro de Culturas Negras seja um espaço de renovação de compromissos. Que a gestão do IFG, junto à comunidade, assuma efetivamente a luta por uma educação antirracista e pela justiça social.

Essa responsabilidade é coletiva: não pertence apenas aos que estão aqui hoje, mas a todos e todas que compõem o IFG. Que saíamos deste evento com o compromisso de cobrar, acompanhar e lutar para que os direitos das pessoas negras e indígenas sejam respeitados e garantidos.